

Originalmente publicado em: (Outubro 2008) *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

Quem lê um verso, chega ao universo? Os grãos da voz de Álvaro Magalhães

Maria Elisa Sousa*

Resumo

Ler é aceder à voz que dá vida ao texto, essa voz que o torna único e distinto de todos os outros, a voz do autor. Para ouvir e conhecer a voz de alguém, é necessário contactar com ela, ouvi-la e com ela interagir, em diferentes situações, com diferentes intenções, o que equivale a dizer que é necessário conhecê-la sem cortes, sem interrupções que a descaracterizam e lhe retiram sabor. Gostar de ler é também fazer opções, desenvolver atitudes de apreciação crítica, de adesão ou de rejeição, é ser capaz de reconhecer a voz que chega de algures. Esse conhecimento fica comprometido se as práticas de leitura privilegiarem o excerto, inúmeras vezes descontextualizado, manipulado, instrumentalizado, ao serviço de um ou outro propósito. Construir leitores significa expô-los a marcas textuais próprias e diversificadas, que só o contacto com o texto integral poderá favorecer.

Numa perspectiva de educação linguística e literária, propõe-se aqui o olhar sobre as obras de um autor com registos plurais, mas com marcas que o tornam singular – Álvaro Magalhães.

Abstract

To read is to reach the voice that makes a text unique and distinctive among others, the author's voice. For that we have to be in contact with it, listen to it and interact with it in many different situations and with different aims, in other words we need to know it as a whole.

The knowledge we achieve from reading can be seriously affected by reading practices which often privilege the excerpt out of context, manipulated to serve one or other purpose.

Forming readers means exposing them to specific and varied text features, which can be exclusively provided by the complete text.

In context of linguistic and literary education, we here suggest a regard to an author's writings with a plural but unique style – Álvaro Magalhães.

Há livros pelos quais deslizamos ao de leve, esquecendo-nos das páginas, à medida que as vamos passando; há outros que lemos com reverência, sem nos atrevermos a concordar com eles ou a discordar deles; outros que se limitam a dar-nos informações, impedindo o comentário; e outros, ainda, que, porque os amamos tanto e durante tanto tempo, somos capazes de recitar palavra a palavra, dado que os sabemos de cor – sabemos-los com o coração.

(Manguel, 2007: 8)

*Escola Superior de Educação do Porto (elisousa@ese.ipp.pt).

É no universo dos livros que nos fazem deslizar ao ritmo do gosto que vamos desenvolvendo ao longo da vida que nos situaremos, nas linhas e entrelinhas deste texto. A entrada no mundo dos livros e da leitura configura um passaporte para encetar viagens que levam a outros pensamentos, outros mundos, outros modos de ver, de viver, de dizer. Ler constitui um caminho a desbravar para descobrir nas palavras a musicalidade, a harmonia, a ambiguidade, a estranheza, as variações e múltiplas significações, o sussurro, o grito, a alegria, a tristeza, a dor, a felicidade, o que é dito e o que fica por dizer.

A leitura, autónoma ou com mediação, permite o acesso à voz que habita as páginas do livro. Será essa voz que o leitor vai descobrindo, se tiver oportunidade de conviver com textos significativos e diversificados, que lhe permitam ir encontrando marcas, características que fazem parte de um determinado universo de escrita. Será também por este contacto sistemático e consistente que o leitor poderá ir construindo o seu caminho, ir fazendo as suas opções.

Na verdade, construir e formar leitores significa expor os sujeitos a universos textuais plurais com marcas próprias e diversificadas, significa abrir a porta a universos de escrita com identidade, com voz própria. Ou seja, aqui se defende a importância do texto integral na escola para conhecer o que de mais importante existe num livro: a voz do autor, já que ler é aceder à voz que dá vida ao texto, essa voz que o torna único e distinto de todos os outros, a voz do seu criador. Para ouvir e conhecer a voz de alguém, é necessário contactar com ela, ouvi-la, e com ela interagir, em diferentes situações, com diferentes intenções, o que equivale a dizer que é necessário conhecê-la sem cortes, sem interrupções que a descaracterizam e lhe retiram sabor. Gostar de ler, e saber ler, é também fazer opções, desenvolver atitudes de apreciação crítica, de adesão ou de rejeição, é ser capaz de reconhecer a voz que chega de algures. Esse conhecimento ficará comprometido, se o objecto de leitura privilegiado for o excerto, inúmeras vezes descontextualizado, manipulado, instrumentalizado, ao serviço de um ou outro propósito.

Quando se diz que ler é compreender, talvez seja oportuno perguntar: compreender o quê? Na verdade, à força de tanto ser dita, esta afirmação parece uma evidência mais do que consensual, facto que todos corroboram, princípio que não se contraria. No entanto, se nos detivermos nos materiais com presença forte na sala de aula, teremos de nos interrogar, de questionar o que poderá alguém compreender de manchas gráficas com textos reduzidos, retirados desta ou daquela obra para servir fins previamente definidos e formatados, de acordo com o que o mediador adulto ali pretende veicular. Esta questão conduz a outras: a presença do livro, as práticas de leitura, a vez e a voz da literatura, o lugar da obra integral na escola, em geral, e na sala de aula, em particular.

Os livros estão na escola. De um modo geral, a biblioteca alberga-os, mas é na sala de aula que a leitura literária precisa de encontrar o seu lugar, como espaço de fruição, de prazer, de interrogação assumida como leitura com especificidades muito próprias:

A leitura literária deve receber um tratamento específico na escola porque, diferentemente das demais leituras, destina-se a apreciar o ato de expressão do autor, a desenvolver o imaginário pessoal a partir dessa apreciação e a permitir o reencontro da pessoa consigo mesma em sua interpretação. (Colomer e Camps, 2002: 93)

Poderemos caracterizar a leitura literária como aquela que é simultaneamente um meio e um fim. Esta não é necessariamente a leitura que se faz para adquirir conhecimentos desta ou daquela índole, para seguir ou cumprir instruções; ela é, sobretudo, uma leitura de fruição. É desta leitura que nascerão leitores, já que saber ler não significa, necessariamente, tornar-se leitor, ou seja, ser leitor por gosto e com entusiasmo. Tornar-se leitor é um «processo individual constitutivo da cultura de cada um, e que contribui para o desenvolvimento da sua personalidade» (Gromer e Weiss, 1990: 23).

Para que esse processo ocorra, será necessário investir em momentos de convívio efectivo com o livro, com a obra literária, de modo a propiciar situações reais de leitura, próximas do que acontece no quotidiano social de qualquer leitor, ou seja, fazer do momento de leitura um espaço para a escolha individual, para estabelecer uma relação pessoal e livre entre o texto e o leitor. Se as práticas se situam sistematicamente ao nível da dissecação, da análise, do estudo de conteúdos, do comentário minucioso, da resposta a questionários repetitivos e lineares, poderá ficar comprometida a apropriação da leitura literária. Em contexto escolar, assistimos frequentemente a práticas que cabem neste retrato:

[...] o docente substitui a leitura como prática significativa por exercícios centrados no reconhecimento de informações, impedindo, assim, que os alunos participem da descoberta do real que o poder imagético do texto desencadeia e do prazer da exploração dos recursos da linguagem que todo o texto estético mobiliza. (Saraiva e Mügge, 2006: 27)

Se, na verdade, a preocupação é fazer ouvir a voz de alguém, ouvir muitas e distintas vozes, então importará franquear as portas, para o leitor encetar conversas, magicar, interrogar, e interrogar-se, dialogar com a palavra escrita. A este propósito, parecem elucidativas as palavras de Alberto Manguel:

A leitura é uma conversa. Os lunáticos envolvem-se em diálogos imaginários, cujos ecos ouvem algures na mente; também os leitores se envolvem em diálogos do mesmo género, silenciosamente provocados pela palavra escrita. (idem, 2007: 8)

Para que este diálogo exista, para que esta relação texto-leitor cresça e amadureça, não parece possível abdicar da leitura como projecto. Um projecto que se planeia, que se desenvolve no tempo, com lugar para todos, com a implicação de todos, porque por todos pensado e considerado significativo. Fazer da leitura um projecto implica desde logo pensá-la como algo que faz parte do quotidiano, que responde a interesses e necessidades, algo que não se confina necessariamente à sala de aula, que conjuga diferentes modalidades de leitura, diferentes textos e obras, que estabelece pontes e alarga horizontes, nomeadamente os horizontes literários, o conhecimento dos autores, das suas obras e das suas marcas de escrita.

No sentido de promover a aproximação às obras literárias, de favorecer a leitura individual de fruição, é fundamental que sejam criadas, de forma sistemática e regular, situações de leitura que ocorram fora do trabalho escolar propriamente dito.

Serão exemplos de práticas possíveis o manuseamento dos livros, a divulgação de obras, a apresentação de livros e de autores, os encontros com escritores cuja obra foi lida e discutida, a discussão sobre leituras efectuadas, a troca e empréstimo de livros, a sugestão de livros recomendados, sessões de leitura em voz alta, hora do conto, tempo de poesia, espaço para a dramatização, a par de actividades mais orientadas, centradas em tópicos e dimensões que favoreçam o acesso à compreensão global do escrito, da obra.

Conhecer as obras e os autores é uma etapa decisiva para formar leitores, e leitores de literatura, esse espaço discursivo que mostra as potencialidades expressivas e normativas de uma língua, configurando também um desafio cognitivo para o leitor, pela surpresa que em si encerra, seja pela complexidade, pelo inesperado, seja pela simplicidade, que é também uma forma de surpreender o leitor. Importará ainda sublinhar que a exposição do leitor a universos com temas complexos e usos linguísticos novos favorecerá o envolvimento e a interacção entre o texto e o leitor, e entre os leitores. Pelo convívio com as obras, o leitor afina o seu olhar, desenha o seu gosto e identifica marcas, aprendendo a atar os fios que tecem a identidade de uma voz, o seu universo de escrita.

Na perspectiva enunciada, e no sentido de dar a conhecer algumas linhas de um universo singular de escrita, deixaremos ecos de algumas obras de um autor cuja voz mostra a força e a leveza da palavra. Falamos de Álvaro Magalhães.

Álvaro Magalhães, nascido no Porto, em 1951, constitui hoje uma referência no panorama literário português, com um significativo número de obras, no universo comumente designado por Literatura para a Infância e Juventude. A sua obra reparte-se pela narrativa de ficção, pela poesia e pelo texto dramático. Viu já premiadas algumas das suas obras, desde o início da sua carreira, nomeadamente *Uma História com Muitas Letras*, *O Menino Chamado Menino*, *Isto é que Foi Ser!*, *Histórias Pequenas de Bichos Pequenos*, *O Homem que não Queria Sonhar* e *Outras Histórias*. Em 2002, obteve o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, na modalidade de texto literário, com o livro *Hipopóptimos – Uma história de amor*.

Álvaro Magalhães é um artífice da palavra, um amador, no sentido daquele que cuida sem limite, e com toda a ternura, da coisa amada: a palavra. Palavra essa que acaricia e limpa da corrosão quotidiana, até lhe devolver essa capacidade única e prodigiosa de criar mundos, de desenhar sentidos, num hábil e peculiar jogo de luz e de sombra, marcado pelo humor e pela força do imaginário. É este ofício, de carícia feito e de sonho tecido, que está na voz deste sujeito poético que se assume como um *limpa-palavras*:

O limpa-palavras

Limpo palavras. / Recolho-as à noite, por todo o lado: / a palavra bosque, a palavra casa, a palavra flor. / Trato delas durante o dia / enquanto sonho acordado. / A palavra solidão faz-me companhia.

Quase todas as palavras / precisam de ser limpas e acariciadas: / a palavra céu, a palavra nuvem, a palavra mar. / Algumas têm mesmo de ser lavadas, / é preciso raspar-lhes a sujidade dos dias / e do mau uso. / Muitas chegam doentes, / outras simplesmente gastas, estafadas, dobradas pelo peso das coisas / que trazem às costas.

A palavra pedra pesa como uma pedra. / A palavra rosa espalha perfume no ar. / A palavra árvore tem folhas, ramos altos. / Podes descansar à sombra dela. /

*A palavra gato espeta as unhas no tapete. / A palavra pássaro abre as asas para voar. / A palavra coração não pára de bater. / Ouve-se a palavra canção. / A palavra vento levanta os papéis no ar / e é preciso fechá-la na arrecadação.
No fim de tudo voltam os olhos para a luz / e vão para longe, / leves palavras voadoras / sem nada que as prenda à terra, / outra vez nascidas pela minha mão: / a palavra estrela, a palavra ilha, a palavra pão.
A palavra obrigado agradece-me. / As outras, não. / A palavra adeus despede-se. / As outras já lá vão, belas palavras lisas / e lavadas como seixos do rio: / a palavra ciúme, a palavra raiva, a palavra frio.
Vão à procura de quem as queira dizer, / de mais palavras e de novos sentidos. / Basta estenderes um braço para apanhares a palavra barco ou a palavra amor. Limpo palavras. / A palavra búzio, a palavra lua, a palavra palavra. / Recolho-as à noite, trato delas durante o dia. / A palavra fogão cozinha o meu jantar. / A palavra brisa refresca-me. / A palavra solidão faz-me companhia. (Magalhães, 2000: 3-5)*

Na escrita de Álvaro Magalhães, estamos constantemente perante a surpresa e a densidade das coisas simples que apelam à imaginação e ao sonho, dimensões fundamentais na construção de seres que serão tanto mais humanos quanto mais forem capazes de sonhar, a dormir ou acordados. É essa capacidade de sonhar acordado que desenha em cada linha, em cada página, palavras e seres tão comuns quanto fantásticos, seja na poesia, na narrativa ou no texto dramático. Em todos eles, o humor, a fina ironia, o encantamento, o desconcerto, o gosto pelas coisas simples, tecem a teia que prende e liberta, conjugando-se para surpreender e até provocar o leitor que assim acede a códigos outros que lhe permitem ler a realidade comum, o quotidiano vulgar com uma outra lente e, com essas chaves, entrar na dimensão poética que marca toda a escrita de Álvaro Magalhães.

São exemplos elucidativos desta força da palavra, que se confunde com a força da imaginação, entre outros, os capítulos recheados de diálogos extraordinários, marcados pelo humor, do seu inconfundível livro *Isto é que Foi Ser!*, publicado pela primeira vez em 1984, e que conta a história do Miguel sem vontade de sair da barriga da mãe, a sua chegada ao mundo e o seu encontro/choque com o peso da realidade. Logo na abertura do primeiro capítulo, surge o jogo, o inesperado. Assim começa: «Hoje é o dia 14 de Março de mil vintecentos e setenta e nove» (*ibidem*: 7).

Nesse dia, começa a sua aventura, a busca do paraíso perdido, o tal *sítio fofo e quente* que ele bem conhecia, e para onde queria voltar (a barriga da mãe), mas que já não o podia receber, como ele explica ao sr. Santos, aquele que vendia bilhetes para todos os sítios, quando lhe diz: «— Conheço um sítio, mas está ocupado e não se sabe onde pára o cordão belical ou bilical ou lá o que é.» (*ibidem*: 13).

E, nesse dia, inaugurou também a chegada a um mundo de onde se pode avistar a «esperança no futuro» (*ibidem*: 19), pela mão dos poetas que conhecem bem o poder da imaginação, o sítio onde se pode ficar com a cabeça no ar e onde tudo pode acontecer, porque tudo é possível, como aconteceu no encontro com a andorinha que ia para a Primavera:

— Posso ir contigo?

— Podes.

E ele lá foi, à Primavera. Doutra vez foi ao Natal e doutra à Páscoa. E fez anos, por essa altura, quatro vezes numa semana e noutra dez. Agora tudo era possível.
(Magalhães, 1984: 27)

Os jogos de palavras, a exploração dos limites da linguagem, a magia e o poder da noite, o amor, o sonho, os hipopótamos, o fascínio pela natureza, a filha, a infância vivida, lembrada, reinventada, são linhas bem presentes na obra de Álvaro Magalhães. Em cada página, espreitam as palavras que ganham novos sentidos, que criam e recriam universos. Por exemplo, quando fala a preguiça em *Isto é que Foi Ser!* e diz:

Fala a preguiça

— *Eu gosto tanto, tanto, tanto / de estar quieta, muito parada / de fazer nada, coisa nenhuma / de fazer isso (que é não fazer) / e de não estar, não ir também. / Eu cá não faço nada e todos me dizem / que faço isso muito bem.*

[...]

Eu faço nada, por isso mesmo sou nadador / mas não daqueles que nadam mesmo, / o que é cansativo, tão maçador; / é que nadar (cá para mim) / tem um defeito insuportável: / aquele «erre» que está no fim. (Magalhães, 1984: 30-31)

Ou quando a palavra é a chave por abrir:

As portas

A porta está fechada. / Um sorriso abre-a. / Uma palavra também / – se for uma palavra-chave. (Magalhães, 2000: 7)

A noite, que alberga luz, sonhos e mistérios tem uma presença marcada na obra de Álvaro Magalhães, como ilustra o poema:

À noite / Quando o sol se vai e é chegada a lua / o pai corre fechos, persianas, / vai trançar o portão que dá p'ra rua. / Depois eu adormeço, mas os meus sonhos / não cabem na casa e eu saio / para riscar a noite com um fio de luz, / cavalgar mistérios até de manhã.

À noite, uma simples brisa / escancara portas e janelas / e não há chave, fecho ou tranca / que encerre a porta larga dos meus sonhos. (Magalhães, 1986)

É a noite que faz ver o que a luz do dia não permite, como acontece a William, um dos dois irmãos do romance *O Último Grimm* (Zilberman, 2007) que, numa noite de Verão, vê duas pessoas que «não eram pessoas como as pessoas são» (*ibidem*: 17) e, quando desaparecem, fica na dúvida se os viu com os olhos ou com o coração: «Tinha-os visto porque eles passaram realmente por ali ou porque ele, do fundo do coração, desejou vê-los ali naquela noite?» (*ibidem*: 18). É a noite que possui o poder mágico de abençoar os corações apaixonados, como Ana e Rui, do romance *A Ilha do Chifre de Ouro* (e que

está na base do texto dramático *Enquanto a Cidade Dorme*, como o rapaz e a rapariga ruiva, de *Hipopóptimos – Uma história de amor* (2000), ou como *Lucas e Pandora*, os gatos apaixonados, do *Romance de Lucas e Pandora*, que integra *Três Histórias de Amor*.

Os gatos que não se conheciam mas, desde o dia em que comeram um bocadinho de um mesmo peixe apaixonado, passaram a sonhar e a ver as mesmas coisas, ainda que em lugares diferentes:

E assim foi. Lucas e Pandora comeram no mesmo dia o mesmo peixe apaixonado e nessa noite, como em todas as outras que se seguiram, sonharam um com o outro. O rio, que corria, os separava. Mas era o mesmo céu que os cobria e, à noite, ele via a mesma estrela que ela via.

[...]

O rio corria, o tempo também. O mundo deu tantas voltas que chegou o dia de São João. [...]

À meia-noite estouraram foguetes e o ar encheu-se de fumo e do cheiro de pólvora. [...] Lucas pensou que o mundo ia acabar. Baixou-se o mais que pôde e atravessou a ponte a correr [...]

Pandora, na outra margem, pensou que acabava o mundo do lado de lá do rio e fez o mesmo. Passaram um pelo outro a meio da ponte e reconheceram-se. Ele pensou: «Ia ali a gata dos meus sonhos». Ela pensou: «Ia ali o gato dos meus sonhos». Afinal o mundo dos sonhos era ali. [...]

Desde essa noite nunca mais ninguém viu Lucas e Pandora separados. (Magalhães, 2003: 34-37)

É também a noite que adormece a mão da filha, essa mão que toma a mão do pai, para com ele descobrir mundos e inventá-los. É a filha que, com o pai, embarca numa viagem ao mundo fantástico das letras e das palavras. A viagem ao país das letras, para as descobrir, para as ver dançar, para confirmar o seu poder de mudar, de transformar com a sua presença o valor e o significado das palavras: na *cama* e no *coração* o mesmo *c*, e aquele que falta em *oração*. A descoberta das letras, das suas características:

— Sim, nós, as letras, não servimos só para as pessoas escreverem, mas também para elas falarem umas com as outras. Portanto, cada uma de nós tem um som. Os nossos sons quando se juntam é que fazem a música de cada palavra. (Magalhães, 1982: 26)

A filha que à flauta chamou *ternura* e com ela aprendeu que aqueles de quem gostamos são únicos, mesmo no meio da multidão, e que a cumplicidade é um código para dizer *ternura*:

Sempre que podia, a Vanessa ia assistir aos concertos. Entre tantos sons diferentes ela distinguia perfeitamente o som da sua flauta, essa ternura e suavidade muito grandes. [...] No final as pessoas aplaudiam até não poder mais e ela ficava, naturalmente, muito orgulhosa. Então a flauta tocava uma nota que só a Vanessa percebia e piscava-lhe um olho, ou antes, um buraquinho. (Magalhães, 1983: 29-30)

A filha que inventa o mundo e desenha o futuro em cada manhã:

A filha

Ela toma a minha mão, leva-me a ver / esse pedacinho de mundo que nos coube / e eu vejo sempre pela primeira vez / porque tudo muda constantemente.

Cada manhã tem outra estrela-da-manhã / e em todas elas me levanto / para ir ver, pela mão dela, / o novo mundo que nesse dia há.

À noite, vou espreitar / essa pequena mão adormecida / que aprisiona um grão de vento / e o tesouro ameaçado da alegria; / as sombras descansam no escuro / e, a essa hora, / também dorme a mão de Deus, / ninguém segura o fio / que liga a minha a outras vidas.

Nunca quis ter uma bola de cristal / mas poder ir, pela mão da filha, / ver o futuro. (Magalhães, 1986)

No verbo, no verso e no universo de Álvaro Magalhães, habitam seres leves, carregados de espessura, como o hipopótamo que viaja de autocarro e quer entrar numa história sobre *bichos pequenos*, dispondo-se até a fazer dieta para ficar pequeno:

— Desculpe incomodar — disse ele — mas ouvi dizer que anda a escrever uma história sobre bichos...

— Pois, sim, mas são só histórias de bichos pequenos.

— Eu sei, mas olhe que eu ando a fazer dieta. Já emagreci 2 kg. Espere mais uns dias e vai ver que nem me conhece. (Magalhães, 2008: 30)

Um hipopótamo que merece ser acarinhado para lá do seu tamanho, quando ouvimos o narrador dizer:

E façam-me um favor: se o encontrarem por aí, digam de maneira que ele ouça: «Olha que formiga tão grande». Ele merece, é tão simpático. Ainda ontem me cedeu o lugar dele no autocarro. (Magalhães, 2008: 30)

Há também hipopótamos que têm asas transparentes e vêm em nosso auxílio, seja em *Hipopóptimos – uma História de Amor* (2001), seja no poema *Hipopótamos*:

Eles andam como se carregassem / todo o peso do mundo / mas nos seus olhos estão / as leves gotas de orvalho / e cantam mil violinos no seu coração.

Numa noite de luar, se olhares p'ra cima / verás como todos os hipopótamos / (mesmo os do teu livro de gravuras) / vão pelo ar, levíssimos, em direcção ao céu / com suas asas inesperadas, transparentes.

Não haverá, por fim, nenhum / e ninguém se lembrará que um dia / existiram hipopótamos sobre a terra; / mesmo o seu nome apagar-se-á / da frágil memória dos homens.

Mas eles voltarão / sempre que precisares de ajuda / e, baixinho, disseres o nome / do teu anjo da guarda. (Magalhães, 1986: sp)

E nas asas de um extraordinário hipopótamo («hipopóptimo») assistimos a uma não menos extraordinária viagem em volta do próprio ser em *Hipopóptimos – Uma história de amor* (2001), que a cada momento descobre e se descobre, sem quebrar o encanto pela vida, deixando-se enfeitiçar pela magia do amor, qualquer que seja o corpo que o habita.

Interroga-se ele:

Se eu pudesse desamar, não é? Mas quem é que pode? Não me bastava ter sido um rapaz apaixonado e era agora um hipopótamo apaixonado. (Magalhães, 2001: 41)

Linhas e temáticas presentes mas sempre renovadas, numa escrita que amadurece e se reinventa, com humor e subtileza, criando e recriando universos semântico-linguísticos ímpares e inconfundíveis. Ecos que só poderão ser ouvidos se existir o contacto e a leitura, muitas leituras, dos textos integrais, das obras que dão corpo e voz ao universo de escrita do autor.

O labor da palavra é incessante, neste escritor-poeta, cuja escrita se transforma numa incessante carícia das palavras, limpando, esculpindo, desconstruindo para construir até descobrir e instaurar novas palavras, novos significados.

Ouvir a voz de Álvaro Magalhães é conquistar a chave para entrar num mundo de fascínio, de mistério e de complexidade, onde reina o poder da palavra, capaz de nos devolver vezes sem conta a esperança, porque a vida tem também muitas sombras que não são ... neste autor: a morte, a solidão, o sofrimento, o mundo mágico que habita o sonho, irmão da noite e do dia, o reino perdido da infância longínqua, mas que a força e o poder das palavras tornam presente, como afirma Álvaro Magalhães quando lhe perguntam como vê a sua infância. Diz ele:

Como um reino perdido. O paraíso de que fui expulso à força demasiado cedo. Agora, é apenas uma porta fechada, a que bato obstinadamente e, às vezes, tento abrir com uma chave de palavras. (<http://www.boasleituras.com>)

Um reino de um rei a quem coube o *muy noble e leal* título de «O brincador» porque «se levantava cedo todas as manhãs para ir brincar com as palavras» (Magalhães, 2005: 4), como se pode ler nesta declaração-quase-manifesto.

Referências bibliográficas

- ▶ COLOMER, T. e CAMPS, A. (2002). *Ensinar a Ler, Ensinar a Compreender*. Porto Alegre: Artmed.
- ▶ FILLOLA, A.M. (2007). *Materiales Literários en el Aprendizaje de Lengua Extranjera*. Barcelona: ICE – Horsori Editorial.
- ▶ LOMAS, C. (2003). A educação linguística e literária e a aprendizagem das competências comunicativas. In LOMAS, C. (org.), *O Valor das Palavras I – Falar, ler e escrever nas aulas*, pp.13-24. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (1982). *Uma História com Muitas Letras*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (1983). *Uma Flauta Chamada Ternura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (1984). *Isto é que Foi Ser!* Porto: Edições Afrontamento.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (1986). *O Reino Perdido*. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (1998). *A Ilha do Chifre de Ouro*. Lisboa: Dom Quixote.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (2000). *O Limpa-Palavras e Outros Poemas*. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (2001). *Hipopóptimos – uma História de Amor*. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (2003). *Três Histórias de Amor*. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (2005). *O Brincador*. Porto: Edições ASA.
- ▶ MAGALHÃES, Á. (2008), *Histórias pequenas de bichos pequenos* (11.ª ed.). Porto: Edições ASA.
- ▶ MANESSE, D. e GRELLET, I. (1994). *La Literature du College*. Paris: Nathan.
- ▶ MANGUEL, A. (1998). *Uma História de Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- ▶ SARAIVA, J. e MÜGGE, E. (2006). *Literatura na Escola. Propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed.
- ▶ ZILBERMAN, R. (2007). *O Último Grimm*. Porto: Edições ASA.